

Fotografia expandida

Denise Cathilina

Oi Futuro | Rio de Janeiro, novembro de 2016

Curadoria de Alberto Saraiva.

Andrea Vilanova

Levando-nos por meio de variados suportes, Denise Cathilina nos interroga a respeito do que poderíamos definir como fotografia. Sua individual no Oi Futuro, em novembro de 2016, Fotografia expandida, com curadoria de Alberto Saraiva, instigou o público, intimando-o a transitar pelas bordas do conceito. Sua produção híbrida e intimamente conectada com a produção contemporânea, insiste nas interfaces, nos atravessamentos e interlocuções. Dentro de sua exposição não há lugar para o espectador passivo, mesmo quando estamos diante de suportes convencionais, como uma foto emoldurada.

Referenciar o trabalho de um artista a partir de sua produção, no caso de Cathilina, nos conduz a incluir nessa formulação seu *work in progress*, que também tem como laboratório a sala de aula. Tendo se tornado professora por obra de um destino comum a tantos outros, Denise faz de sua transmissão uma obra aberta, recebendo as investigações de seus alunos e oferecendo com mestria o vigor de sua inquietação renovada.

Desde os processos artesanais ao uso da imagem digital, tão difundida em nosso cotidiano, a obra de Cathilina nos leva pela mão a um encontro no qual somos convidados a desvendar nossa cegueira para tocar aquilo que uma imagem vela.

A artista passeia com sua poética entre as experiências mais arcaicas de captação da imagem e as inovações tecnológicas. Expande o território da imagem e conecta nosso olhar a interfaces de planos diacrônicos que põem em movimento

a pulsação que sua obra escreve, algo que escapa ao próprio olhar.

Quando Vilén Flusser, em *Filosofia da caixa preta*, afirma que a fotografia refunda a história a partir de uma nova espécie de registro, ele destaca o aparato, a máquina, com seu papel entre protagonista e instrumento no ato de captação da imagem. Através da experiência de um olhar instrumentalizado pela máquina, e da máquina instrumentalizada por um olhar, estamos em um novo plano de nossa experiência de mundo e de nossos próprios corpos.

Se o surgimento da fotografia pode ser lido como a instauração de uma possibilidade inédita de apreensão do real, não podemos deixar de considerar toda a problemática em relação às concepções do dito real, que nos instigam em tempos em que o virtual e o real já não se distinguem, revelando interstícios de nossa existência num mundo tecnologicamente constituído.

É nessa direção que a obra de Cathilina interroga os limites de um progresso sempre obsoleto, preenche de *gadgets* que vão fazendo parte de nossas vidas, incorporando-se ao nosso cotidiano como próteses que paradoxalmente chegam a nos fagocitar, através do insaciável apetite do olho.

Chegamos na contemporaneidade ao paroxismo da execução de fotografias por mecanismos cuja automatização absoluta prescinde da ação humana para sua realização, mas jamais poderá prescindir do nosso olhar para atestar-lhe existência, muito menos da poética do artista que dela se serve. A imagem ganha uma espessura inédita com toda a parafernália tecnológica ao nosso alcance. E a nova produção de imagens opera a investidura de verdades tão provisórias quanto as *selfies*, que se sucedem num fluxo infinito, não sem renovar nossas questões em torno daquilo que somos, a

partir da imagem que temos de nós mesmos, dos outros e do mundo.

O olhar de Cathilina alcança, nesse absoluto e frenético controle imagético de nossos dias, uma poética que força novos planos dentro da experiência do olhar. A poética *high tech* é pintada com o inusitado, com o tempo que a obra pede para ser incorporada e para que nos incorporemos a ela como em sua instalação *Eu lírico*. Só de soslaio surpreendemos nossa própria imagem compondo a instalação que, ocupando uma grande sala, nos individualiza no detalhe que faz retorno sobre nós, singularizando nossa própria experiência.

A insistente pergunta de Denise, informúlável em termos textuais, a conduz e faz brotar no seu trabalho possibilidades de manejo da imagem que não se detém num suporte ou numa técnica. Sua obra não faz conjunto, mas coletivo, realçando na diferença de aplicações técnicas a linha mestra de uma elaboração que vai dando formas à matéria-imagem, versões de uma poética própria, a força de sua criação.

Seu fazer reinventa o clássico quadro na parede, por meio de técnicas arcaicas da fotografia, com o frescor de imagens nada convencionais, com composições que perturbam o próprio enquadramento. Cathilina expande os interstícios entre o olho e o olhar, faz a imagem respirar mesmo quando está lá, fixa no papel. Seu trajeto entre os métodos arcaicos e a tecnologia multimídia flui de maneira harmônica compondo uma grande exposição, cuja estatura se mede com a leveza e a surpresa com que transita entre mundos, entre técnicas, e nos leva com ela.

Quem olha? Onde está o olhar? São perguntas que seu trabalho ora sussurra, ora grita em nossos ouvidos, fazendo figurar a “esquize” entre o olho e o olhar, da qual nos fala Lacan em seu Seminário,

livro 11, de 1964. A escrita da imagem que Denise propõe nos convida a uma nudez que deixa escoar o excesso do visível.

A instalação *Eu lírico* é uma demonstração de sua interrogação acerca daquilo que definiria a própria fotografia, pelos suportes de que se serve. Fazendo-a exceder àquilo que podemos chamar de fotografia, sem que possamos, de fato, afirmar que não estamos no campo da fotografia, quando estamos diante de seu trabalho. Cathilina explora a extrapolação imagética na qual estamos imersos e esculpe no espaço de exposição uma instalação que, como um organismo vivo, pulsa com nossa presença.

Sua obra é crítica sem o peso pretencioso ou a obviedade de pretender-se como tal. Seu ato é político, é fundamental e reflete a artista que não cessa de se deixar ensinar, como em uma alfabetização que se renova nos encontros, nas experiências com outros artistas, no silêncio de seu fazer. Novas linguagens vão-se decantando em sua criação, sua obra fala daquilo que expande sem cessar seu próprio ato, incorporando a própria artista.

Denise Cathilina é movida pela inquietação daqueles que em sua generosa transmissão nos empurram em direção a nós mesmos. Denise, sujeito de um fazer artístico, encontra Cathilina, objeto de seu próprio ato de criação. Em sua experimentação enlaça aqueles que aceitam seu convite a uma via menos ordinária, provocando surpresas e novas perguntas. Expandir o olhar é mais do que colocar em prática as manobras técnicas e tecnológicas que tantos efeitos inusitados podem produzir. Reinventar-se, marca da fotografia de Denise Cathilina, faz do adjetivo “Expandida” um nome próprio.